

7. Quando eu crescer: movimentos em rede e aprendizagem colaborativa na produção audiovisual escolar

Cristina Domingues Lemos

Luciana Domingues Ramos

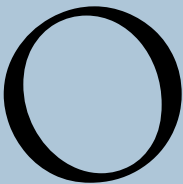
Resumo

Este artigo relata o processo de produção de um documentário que envolveu alunos de diferentes séries da EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff (São Leopoldo – RS), como parte do projeto FEIRA DAS PROFISSÕES, que trabalhou as diversas possibilidades profissionais e perspectivas pessoais para o futuro dos estudantes e da comunidade escolar.

Palavras-chave: Narrativas. Curtas Escolares. Produção Audiovisual

I. O projeto

*Não deixe de acreditar.
Empilhe sonhos, não deixe escapar um de você.
Desembarque para a realidade tudo aquilo
que for possível para você.
Wirley Contaifer*

 que você quer ser quando crescer? Essa foi a pergunta feita aos estudantes da EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff durante a Feira das Profissões promovida pela escola em um dos sábados letivos de maio de 2016.

A ideia de fazer um curta surgiu em uma das turmas de séries iniciais e logo as professoras do EVAM foram acionadas. A proposta da turma seria gravar as respostas, de forma espontânea, com uma edição linear para ser apresentada durante a Feira. Uma ideia simples, que agradaria aos alunos e às

famílias convidadas para o evento. Desencorajada pela Direção da escola – Exibir filme na quadra esportiva?! O som é ruim, ninguém presta atenção, é muito claro... –, a professora desistiu.

Realmente é difícil produzir vídeos na escola: falta tempo, não há recursos, não há horários disponíveis, o espaço é restrito, não há apoio financeiro, não tem onde exibir, e tantos outros problemas que só quem produz um curta com seus alunos poderá saber! E nem sempre escolhemos o caminho fácil! No dia da Feira das Profissões, conversando com alguns alunos, comentamos sobre como seria legal fazer esse vídeo sobre as profissões e os sonhos de cada aluno e, naquele momento, a ideia do documentário *Quando eu Crescer* germinou.

Em tempos de aprendizagem colaborativa e em rede, escolhemos as novas tecnologias e as redes sociais como aliadas e iniciamos a produção do documentário. Pierre Lévy (1999, p. 157) afirmou que é preciso pensar em aprendizagem na cibercultura a partir de uma “análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber.” Lévy destaca a importância de conceitos como o ciberespaço, o aprendizado cooperativo e a inteligência coletiva como elementos determinantes para a transformação do processo de aprendizagem e discute o impacto da cibercultura para o conhecimento humano, suas implicações e transformações.

Aquilo que identificamos, de forma grosseira, como ‘novas tecnologias’ recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um devir coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação. É o processo social em toda sua opacidade, é a atividade dos outros, que retorna para o indivíduo sob a máscara estrangeira, inumana, da técnica. Quando os ‘impactos’ são negativos, seria preciso na verdade incriminar a organização do trabalho ou as relações de dominação, ou ainda a indeslindável complexidade dos fenômenos sociais. Da mesma forma, quando os

‘impactos’ são tidos como positivos, evidentemente a técnica não é a responsável pelo sucesso, mas sim aqueles que conceberam, executaram e usaram determinados instrumentos. Neste caso, a qualidade do processo de apropriação (ou seja, no fundo, a qualidade das relações humanas) em geral é mais importante do que as particularidades sistêmicas das ferramentas, supondo que os dois aspectos sejam separáveis. (LEVY, 1999, p. 26).

Lévy (1999) destaca também que é preciso que os professores se adaptem aos novos dispositivos e ao espírito do aprendizado aberto e a distância. Além disso, é imprescindível que o professor reconheça os saberes constituídos pelos indivíduos, inclusive os não acadêmicos. Desta forma, o professor será capaz de valorizar “uma situação de troca generalizada de saberes, [...] de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências.” (LÉVY, 1999, p. 172).

A partir da concepção e de seu pressuposto de que capacidades como a memória, a imaginação e a percepção foram prolongadas a partir de suportes digitais e suas redes interativas, Lévy (1999) indica que o uso de tecnologias e redes digitais interativas potencializa a transformação da relação com o saber, estabelecendo novos horizontes para a educação: a criação coletiva, o aprendizado cooperativo em rede e uma mudança qualitativa dos processos de aprendizado associadas à ideia de aprendizado cooperativo e colaborativo (mediado ou não por dispositivos informatizados).

A aprendizagem colaborativa promove o desenvolvimento do pensamento crítico, ampliação do pensamento, experiência para a vida em sociedade e diálogo entre os alunos e entre professor e aluno, uma vez que “duas ou mais pessoas trabalhando em grupos com objetivos compartilhados, auxiliando-se mutuamente na construção de conhecimento.” (TORRES e ILARA, 2007, p.71).

Assim, a aprendizagem colaborativa apoiada pelas tecnologias e inserida na Cultura Digital promove a interação entre o estudante e o mundo, que se torna sua sala de aula, e o motiva a refletir sobre suas emoções reais, tornando claro que o foco da aprendizagem precisa ser significativo, a partir de problemas reais, de interações voltadas para a ação autônoma, criativa e livre, para a experimentação e para o compartilhamento.

Segundo Boll (2013, p. 27 a 32), o fluxo e o intercâmbio de informações para a Cultura Digital, envolvem diretamente não só a participação individual, como também proporcionam múltiplas funções dinâmicas, movimento típico tanto da comunicação quanto da cultura Digital, capazes de produzir seus próprios modos de experimentar o mundo em histórias complexas, não lineares e infinitamente compartilhadas e associadas ao processo da convergência das mídias e à cultura da convergência, transitando entre os sentidos de uma cultura participativa e uma cultura corporativa.

Assim, ao escolher a produção de vídeos, que segundo Burges e Green (apud Boll, 2013), tem por característica a comunicação pessoal cara a cara e é um modo específico de abordagem e distinto das mídias tradicionais, apresentamos o jovem/estudante em uma posição autoral singular, imerso em sentidos de expressividade, liberdade e criatividade.

2. A realização

Três alunos abraçaram a ideia e o trabalho de produção começou efetivamente: Gabriel Medeiros Biegelmeyer (7a2), Guilherme William Castro (9a2) e João Vítor Soares (9a2).

O roteiro era breve: gravar os alunos respondendo à pergunta – O que você quer ser quando crescer? E assim, durante todo o evento, os alunos e as professoras ficaram envolvidos, trabalhando nas gravações.

Num primeiro momento os alunos perceberam as profissões mais pedidas e, na sequência, observaram a diversidade de escolhas e também a curiosidade de algumas delas. Todo o material foi visitado, e os alunos fizeram um levantamento de todos os entrevistados e as profissões escolhidas.

As escolhas vinham acompanhadas de uma justificativa, afinal, um sonho nasce de um desejo. E todos tinham uma história, uma experiência, um dia ou uma pessoa especial... Ouvindo tantas histórias, de tantas pessoas que inspiraram as escolhas, surgiu a ideia que promoveu o desdobramento do roteiro inicial. Para cada profissão, o grupo gravaria um depoimento, um recado nominal para cada aluno, de um profissional reconhecido em sua área e, em seguida, faria a gravação da reação dos alunos ao assistir o recado.

Alguns critérios foram decididos para o contato com os profissionais:

- 1) que fossem ex-alunos da escola;
- 2) que morassem na comunidade ou na cidade;
- 3) que fossem reconhecidos pelo seu trabalho.

Assim, começou uma etapa de levantamento e de contatos com os diferentes profissionais. Os alunos organizaram uma mensagem básica para ser enviada por *E-mail*, *WhatsApp* ou *Facebook*, ou apresentada pessoalmente, em visitas informais ou agendadas.

Ao todo foram 37 estudantes entrevistados, com a escolha de 18 diferentes profissões: policial, médico, professora, taxidermista, ilustrador, veterinário, veterinário do quartel, judoca, ator, cantor, *designer de games*,

skatista, caminhoneiro, musicista, químico, jogador de futebol e Homem-Aranha (Sim, o aluno Felipe quer ser Homem-Aranha!).

Esse processo foi ao mesmo tempo desafiador e divertido, pois através das redes sociais muitos contatos foram realizados. Em alguns momentos o esforço não era recompensado, mas em outros, a empatia e a solidariedade falavam mais alto.

Neste momento, as redes sociais e as tecnologias serviram para mostrar a capacidade do ser humano em promover a interação e o encontro. E a cidade ficou pequena para encontrar tantos profissionais e os alunos descobriram que, se o médico do posto de saúde do bairro não pôde nos encontrar, o Presidente do Instituto da Criança com Diabetes conseguiu mandar um recado pelo *WhatsApp* para quem sonha em ser médico. Assim, com encontros e desencontros, os muros da escola já não existiam e a conversa sobre escolher uma profissão se espalhou pelo Brasil e até para fora dele. Tivemos depoimentos de várias cidades da região metropolitana do Rio Grande do Sul, de Brasília, do Rio de Janeiro e uma mensagem especial, que veio dos Estados Unidos, da Georgia, de uma ex-aluna da escola que hoje é musicista. E foi realmente emocionante receber uma gravação vinda de outro hemisfério de nossa ex-aluna, que se tornou uma profissional reconhecida internacionalmente e que se importou em compartilhar seus conhecimentos conosco.

Como professoras, presenciar a emoção do trio João, Gabriel e Guilherme, a cada recepção de mensagem foi um presente e compartilhar essa emoção também. As palavras eram analisadas e as diferentes formas como elas chegavam até nós foram objeto de estudo e de espanto. Ao final desta etapa, programamos como seria a gravação das reações dos alunos ao assistirem ao

recado a eles dedicado, muitos vindos de tão longe, de pessoas tão solidárias e amigas, com lindas palavras e que continham um grande segredo.

Como já estávamos em julho, os alunos foram chamados separadamente para a gravação e foram questionados sobre a entrevista que havia sido feita em maio e qual teria sido a resposta para a pergunta: O que você vai ser quando crescer? Ao responderem, os alunos eram convidados a sentar diante de um *notebook*, com um fone de ouvido, para assistir ao depoimento enviado pelo profissional correspondente ao seu sonho. Após o final da mensagem, os alunos eram questionados sobre o que acharam e o que gostariam de dizer ao profissional como agradecimento. Esses agradecimentos foram editados e encaminhados para que os profissionais recebessem um retorno personalizado.

As gravações foram feitas em três ambientes da escola, de acordo com a disponibilidade dos espaços: biblioteca, auditório ou EVAM.

Tanto material reunido gerou um número muito grande de horas de gravação, o que rendeu, ao final das edições, uma série de oito episódios, com sete capítulos e um epílogo, organizados de acordo com as profissões, somando um total de aproximadamente 40 minutos, e uma versão enxuta do documentário (com 10 minutos), com a inserção de todos os participantes, para ser exibido no Festival São Léo em Cine de 2016. Para o Festival Brasileiro de Produção de Vídeo estudantil de 2017, essa mesma versão reduzida foi inscrita, em função do limite de quinze minutos de duração por curta.

O curta *Quando eu crescer* foi premiado no São Léo em Cine 2016, como melhor documentário, e recebeu uma menção honrosa no FECEA - Alvorada 2016, como Melhor projeto pedagógico.

Ao realizar a autoavaliação a partir da divulgação dos curtas, os estudantes constataram que poucos profissionais entrevistados eram ex-alunos,

e que a distância não foi barreira para a comunicação. Fazer um curta a tantas mãos é possível, pois tantos entrevistados, de tantos lugares, demonstraram um sentimento de solidariedade e um compromisso com a educação de nossas crianças e jovens, como comunidade e sociedade.

Eles também descobriram os segredos, revelados em todos os depoimentos: “Estudem! Estejam preparados! Estudem todas as matérias!” E, em especial, um dos recados que foi impactante para os alunos, de Wirley Contaifer, dublador do Homem-Aranha: “Não deixe de acreditar. Empilhe sonhos, não deixe escapar um de você.” Todo o depoimento dele é uma aula de amor à vida, ao conhecimento e ao nosso próximo, afinal, ele é um super-herói “Amigo da Vizinhança”. Para completar, ele contou um outro segredo: “Os professores também são super-heróis, sabia?”

3. Os resultados

A produção do documentário *Quando eu crescer* promoveu a experiência de produção audiovisual a várias mãos e o compartilhamento intenso de experiências e conhecimentos. Tantos os estudantes envolvidos na produção do curta quanto os alunos entrevistados, participaram ativamente dessa ação pedagógica, protagonistas de sua aprendizagem e produtores de conhecimentos e de conteúdos para outros jovens estudantes, através do domínio de ferramentas de mídia e comunicação, revisitando os processos de ensino e aprendizagem e ressignificando os papéis dos atores na sala de aula.

Alunos autores, produtores de conteúdo, integrados às ferramentas de comunicação, ampliando significativamente os horizontes e os espaços em que

estes jovens têm vez e voz, representam um dos resultados positivos da produção de curtas como este na escola. É difícil e trabalhoso, mas emociona, mobiliza e transforma.

Ao enviar os agradecimentos aos profissionais que se envolveram no projeto, todos retribuíram com muitos elogios e palavras de incentivo. O ilustrador do Jornal Zero Hora, Gabriel Renner, destacou:

Isso mostra o resultado da batalha tua e da escola com essa gurizada, indo além dos muros do colégio! (...) Nossa, fico muito feliz com tudo isso. Jamais imaginaria que esse projeto fosse render tantos frutos assim. Parabéns pela garra e motivação que fizeram isso tudo acontecer, e fico realmente feliz em ter participado disso e ter colaborado! (informação verbal).

Todos os retornos recebidos foram tão ou mais calorosos e vibrantes! Realmente, a colaboração nesse processo representou uma troca intensa de saberes e emoções.

A ideia é continuar com esse projeto, daqui a uns vinte anos, quem sabe? Educação se faz em longo prazo. Talvez a escola reencontre estes alunos, reviva este momento revendo o documentário e registre o que aconteceu na vida de cada um. Que novas histórias poderíamos contar? Isso seria bem difícil, mas quem disse que escolhemos o caminho mais fácil?

Referências Bibliográficas

BOLL, Cíntia Inês. **A enunciação estética juvenil em vídeos escolares no Youtube**. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70596/000876934.pdf?sequence=1>> Acesso em: 03 jan. 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Ed. 34. 1999. (Coleção TRANS).

QUANDO eu crescer. Cristina Domingues Lemos e Luciana Domingues Ramos. São Leopoldo: EH! Produções, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LaGcyMfxkPc&t=17s>>. Acesso em: 28 set. 2017.

TORRES, Patrícia Lupion; ILARA, Esrom Adriano F. **Aprendizagem colaborativa.** In: TORRES, Patrícia Lupion. **Algumas vias para entretecer o pensar e o agir.** Curitiba: SENAR-PR, 2007. P. 65-95.